

Grafite: modos de demarcar a cidade e redesenhar a paisagem

Graffiti: ways to demarcate the city and redesign the landscape

Marcelo Gandini¹ (IFES/PPGA-UFES)

Jovani Dala Bernardina² (LEENA/PPGA-UFES)

Resumo: Quando em deslocamento pelas vias e espaços públicos, nos deparamos com variadas formas de expressões artísticas que vão redesenhando a paisagem que se cola aos nossos olhos. Pretendemos discutir, a partir de intervenções artísticas, a marca identitária dos artistas que utilizam a linguagem do grafite e que ocupam áreas centrais da capital capixaba, as quais seriam vazios urbanos, se não fossem essas intervenções e sua capacidade de nos fazer ver a cidade para além da cidade.

Palavras-chave: grafite; espaço público; marcas identitárias.

Abstract: *When moving along public roads and spaces, we come across different forms of artistic expression that redesign the landscape that sticks to our eyes. We intend to discuss, based on artistic interventions, the identity mark of artists who use the language of graffiti and who occupy central areas of the capital of Espírito Santo, which would be urban voids if it weren't for these interventions, and their ability to make us see the city beyond the city.*

Keywords: *graffiti; public place; identity marks.*

<https://doi.org/10.47456/col.v14i23.44451>

¹ Professor de Artes (PEBTT / IFES 2017 - atual), Campus Centro-Serrano, Artista Visual e Policial Militar da Reserva, doutorado em Artes em andamento (PPGA/UFES), Mestre em Educação (PPGE/UFES/2016), Especialização em Educação Inclusiva e Diversidade (ISECUB/2010), graduado em Artes Visuais (UFES/2007). ID ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-4381-6170>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0191713206053893>.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, Bolsista CAPES, Bacharel em Artes Plásticas (2022) pela Universidade Federal do Espírito Santo, Licenciada em Artes (2023) pela UNIASSELVI. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5038-5672>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1003388753252063>.

Introdução

Uma imagem tem um potencial intrínseco, adquirindo maior ou menor força a partir do olhar do espectador, independentemente de sua beleza, mesmo negligenciando o belo como categoria, pensamos em não o considerar como único parâmetro de análise. Diante de uma imagem, podemos ter um estranhamento. Este conceito, desenvolvido por Rodtchenko (2007), e que está presente em suas obras, leva-nos à apreensão a partir das diferenças; e convida o espectador a buscar uma organização a partir da desconstrução da imagem.

O conhecimento sensível do mundo está intimamente ligado ao olhar do artista, que vive e produz entrelugares. Lugares em trânsito, lugares cotidianos. Este estar em trânsito nos propõe refletir sobre a paisagem sendo demarcada e redesenhada a partir a inserção de imagens e grafismos. Há uma linha tênue entre o devaneio artístico e a materialização da obra de arte, quando nos colocamos na condição de artista propositor, pois nos afastamos da ideia de criação individual, signatária de verdades em relação ao mundo.

Apesar disso, destacamos que, através da arte, sujeitos-autores têm um processo particular de produção criativa, que não necessariamente é racional, logo, qualquer forma de categorização conceitual artística mostra-se um equívoco, uma busca por algo que nem sempre encontramos, e nos move à procura, na tentativa de decifrar os mistérios pessoais.

A paisagem, o lugar e o espaço

A paisagem é mais do que uma simples imagem estática; ela é um produto dinâmico da interação entre o sujeito e o objeto. O observador traz consigo não apenas sua visão física, mas uma

bagagem emocional, memórias passadas e uma compreensão cultural que molda a forma como ele interpreta e dá significado ao que vê. Bertrand e Bertrand nos apresentam:

A paisagem nasce toda vez que um olhar cruza um território, este é um encontro entre um ser pensante, dotado de sensibilidade e de memória, rico de sua cultura, com um objeto matéria: flor, campos arados, fábrica ou betume. A representação da paisagem se elabora a partir de um processo de vai-e-vem entre um sujeito e um objeto. (Bertrand; Bertrand, 2009, p. 257)

Quando nos deparamos com um território, estamos interagindo com o espaço através de nossas percepções, sensibilidades e bagagem cultural. Esse processo entre o sujeito e o objeto na construção da paisagem destaca a subjetividade inerente à experiência humana. Cada pessoa pode enxergar e sentir uma paisagem de maneira única, influenciada por suas próprias vivências, emoções e conhecimentos prévios. Assim, a representação da paisagem se torna um diálogo em constante evolução entre o que é observado e quem observa. É um processo em que a subjetividade humana se entrelaça com a objetividade da geografia, resultando em uma infinidade de interpretações e significados possíveis para um mesmo lugar.

O conceito de paisagem, proposto por Yi-Fu Tuan (2012) tem como princípio norteador a experiência humana no ambiente e como as pessoas percebem, interpretam e se relacionam com o espaço ao seu redor. Ao considerar a paisagem como resultado da mescla entre a paisagem natural e a paisagem construída a partir das intervenções humanas, podemos entender que esta é uma construção sociocultural oriunda das experiências subjetivas e emocionais dos indivíduos. Assim, podemos entender que o indivíduo que vive em um determinado espaço sociocultural será contaminado e modificado por ele, pois as interações entre o ser e o ambiente carregam o imaginário com emoções, devido ao fato do ser estar contaminado com as sensações que a condição espaço-

temporal por ele vivida lhe suscita; nos levando a crer que o imaginário do sujeito, suas ideias, suas ações e demais características estão amplamente configuradas pelo ambiente que o circunda, o que novamente nos conduz ao princípio da topofilia (Tuan, 2012).

E o que difere um espaço de lugar? Farrelly (2010) nos aponta que um espaço pode ser apenas uma extensão física, uma área geográfica com características próprias. No entanto, quando esse espaço começa a ser habitado, utilizado e ganha significado para as pessoas, ele se transforma em um lugar; é quando as interações humanas, as experiências vividas e as memórias se entrelaçam com esse espaço, conferindo-lhe uma identidade³ própria e um sentido de pertencimento.

Quando um espaço se torna um lugar? Os espaços são físicos, tem dimensões, localizam-se em algum local, passam por mudanças com o tempo e fazem parte de recordações. Os lugares são espaços onde ocorrem atividades, eventos e ocasiões. Uma edificação pode ser um lugar ou uma série de lugares. As cidades, da mesma maneira, podem ser compostas por muitos espaços importantes ou representar um lugar propriamente dito. (Farrelly, 2010, p 28)

As cidades podem ser compostas por vários espaços, mas são os lugares dentro delas que se destacam como pontos de referência cultural, social e emocional para seus habitantes. Essa distinção entre espaço e lugar não é estática; ela é dinâmica e está sujeita a mudanças ao longo do tempo. Um lugar significativo hoje pode se transformar ou perder seu significado ao longo dos anos, de acordo com as mudanças sociais, econômicas e culturais que ocorrem em uma determinada comunidade ou sociedade.

Entender essa dinâmica é crucial para compreendermos a maneira como as pessoas se conectam com seu ambiente. Ao reconhecer que os

³ Levando em consideração Stuart Hall (2006), identidade é um processo contínuo de construção social e cultural, caracterizado pela constante transformação e reformulação através das interações históricas, sociais e políticas. Assim, a identidade não é fixa, mas dinâmica, posicional e fragmentada, refletindo uma multiplicidade de influências e experiências; e ainda, a identidade é algo mutável e maleável, uma vez que o indivíduo está em permanente mudança experimental e estética.

lugares são mais do que simples espaços físicos, somos capazes de apreciar a complexidade das relações humanas com o ambiente ao nosso redor, as histórias que cada lugar carrega e a forma como esses lugares moldam nossa identidade e memória coletiva.

Modos de demarcar a cidade

A relação entre a composição visual das cidades e as dinâmicas sociais é intrigante. À medida que as cidades se desenvolvem, os espaços urbanos/públicos não apenas refletem as interações entre as pessoas e o ambiente, mas também se transformam em espaços de interesse comercial e propagandístico. Onde antes havia um ambiente de uso coletivo e social, agora surge uma arena para o marketing e a propaganda, muitas vezes excluindo expressões não alinhadas aos interesses comerciais. Essa mudança impacta especialmente as manifestações artísticas e culturais desvinculadas do mercado, marginalizando-as e limitando seu alcance e reconhecimento. Diante desse contexto, as ruas emergem como um espaço vital para essas expressões não comerciais.

Sobre o processo de criação, a arte contemporânea foi marcada pela liberdade de expressão/criação, conforme Danto (2006, p. 19) descreve: "Não há nenhuma limitação a priori de como as obras devem parecer – elas podem assumir a aparência de qualquer coisa". Ainda dentro desta linha de ideias, vejamos como Mário Pedrosa também corrobora para o entendimento nesse sentido:

O que o artista faz não é assim consequência de algum impulso irreprimível para exprimir o que vai por dentro dele; isso é elemento importante na formação da personalidade, mas se trata de ato psíquico muito anterior ao ato estético criador. A vontade de comunicar é, sem dúvida, condição absoluta de todo ser vivo. (Pedrosa, 1996, p. 45)

Atravessando esses campos de conhecimentos que confluem para nossa ideia de um sujeito-artista-visual que produz imagens afetadas por essa inserção no seu próprio fragmento do real, as manifestações artísticas e populares encontram nas ruas um palco para se expressarem, pois é um dos poucos lugares onde ainda podem alcançar um público diversificado e serem vistas. Grafites, performances, intervenções urbanas (Figura 1) e outras formas de expressão artística invadem os espaços públicos como uma maneira de reivindicar visibilidade, transmitir mensagens e preservar a diversidade cultural. Sobre a composição visual das cidades, Ferreira e Kopanakis relatam:

A composição visual das cidades retrata as relações existentes entre os sujeitos e o ambiente em que vivem, ambiente este que, aos poucos, passa a se tornar um espaço apropriado pelo marketing e pela propaganda. Áreas públicas são privatizadas a fim de promoverem a mercantilização da vida. Dessa forma, as expressões artísticas que são desvinculadas do interesse comercial não encontram formas de divulgação e reconhecimento, sendo, cada vez mais, ignoradas pela mídia e acabam se tornando desvalorizadas. Diante desta ausência de possibilidades para que possam imergir, essas formas de manifestações artísticas e populares utilizam as ruas como espaço para se expressarem. (Ferreira; Kopanakis, 2015, p. 80)

No entanto, essa utilização das ruas como plataforma para a expressão cultural também enfrenta desafios. Muitas vezes, é considerada ilegal ou vista com desconfiança pelas autoridades, o que gera um embate entre a liberdade de expressão e as regulamentações urbanas. Essa dinâmica evidencia não apenas a importância da expressão cultural autêntica na identidade de uma cidade, mas também os dilemas enfrentados por artistas e grupos que buscam preservar formas de arte e cultura não alinhadas aos interesses comerciais predominantes. É um debate sobre a democratização do espaço público e a preservação da diversidade cultural frente à influência crescente do mercado na composição visual e cultural das cidades.

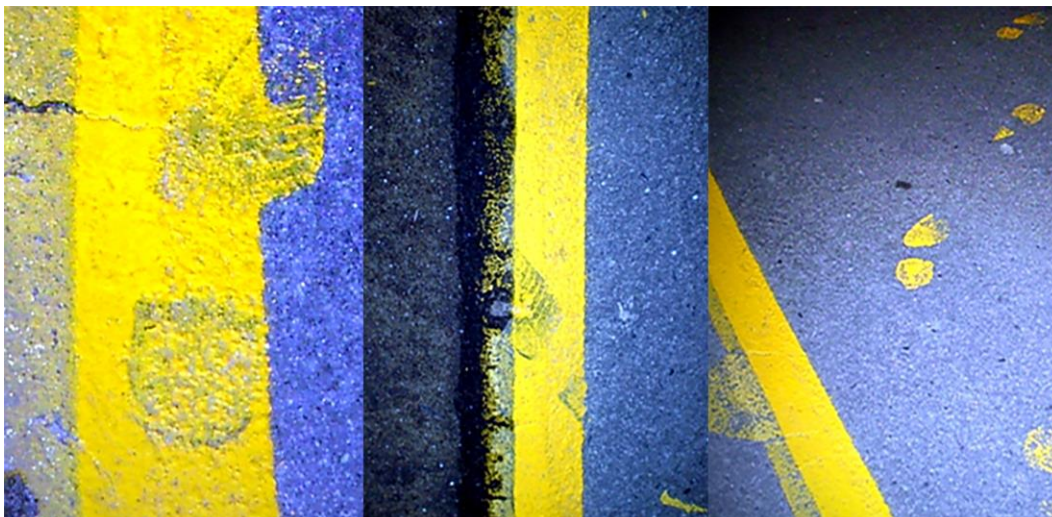


Figura 1. Intervenção urbana "Saindo da linha". Marcelo Gandini, 2013. Conjunto de imagens fotográficas de uma intervenção urbana realizada em via pública utilizando como suporte o asfalto. A intervenção é uma pegada sobre a faixa contínua que separa as pistas de rolamento, que estavam sendo novamente pintadas na cor amarela. Marcelo Gandini caminhou sobre a linha amarela com a tinta fresca e com o solado do sapato impregnado de tinta, pisou fora da linha deixando pegadas também na cor amarela impressas no asfalto cinza. (Fonte: Acervo do artista).

Quando pensamos na paisagem urbana como espaço público, e nas possíveis formas de intervenção artística, podemos considerar o grafite como uma provável fonte de transformação, de demarcação, como elemento de composição. Sobre esse olhar, Prosser (2007) nos sugere que estas marcas possuem o caráter identitário de um sujeito-autor.

Para o jovem que pratica a intervenção urbana, a cidade é mais que um simples suporte para a sua manifestação visual. É o ponto de encontro entre ele e os seus iguais, o campo de batalha (ideológica ou física) entre ele e os seus diferentes. Arena, cenário, palco, é o lugar em que a vida – a sua vida – acontece, é testemunha participante dos seus embates consigo mesmo, com o outro e com o seu meio. A cidade é, para ele, ao mesmo tempo, eloquente, com os seus múltiplos gritos e significantes, e cúmplice, com seu silêncio de pedra. É um organismo vivo e pulsante em constante mudança, do qual ele faz parte, no qual ele vive a intensidade de cada momento e sobre o qual ele atua continuamente. Com a urbs ele dialoga de maneira ininterrupta e a ela se alia para expressar suas inquietações e inconformismos. (Prosser, 2007 p 2-3)

Esses murais coloridos muitas vezes contam histórias, representam culturas, celebram conquistas ou fazem críticas sociais e políticas. São reflexos das realidades locais, criando um diálogo visual entre artistas e comunidades. Além disso, desafiam a noção tradicional de arte, ao romperem as fronteiras entre o público e o privado. Ao invadir espaços urbanos, eles democratizam a arte, tornando-a acessível a todos, independentemente de origem social ou econômica.

O grafite é uma forma de expressão dinâmica que está em constante diálogo com seu entorno. À medida que novas peças surgem, outras desaparecem, criando uma paisagem urbana em constante mutação, apesar de muitas vezes ser incompreendido e estigmatizado como vandalismo. Essa visão limitada não reconhece a riqueza cultural, a expressão individual e coletiva, nem o potencial transformador que o grafite pode ter em uma comunidade.

O grafite, como marca identitária⁴ na forma de expressão artística, transcende simplesmente o ato de pintar paredes. É uma manifestação cultural rica que ganha vida nas ruas, dialogando com a cidade, seu tecido urbano e suas dinâmicas sociais. É uma forma de arte que quebra barreiras e transforma espaços comuns em galerias a céu aberto, desafiando convenções estéticas e sociais. Sua capacidade de comunicar e atingir os observadores/transeuntes funciona como um grito de identidade, um protesto, uma história ou simplesmente uma expressão criativa. A diversidade de estilos, cores, técnicas e mensagens encontradas no grafite refletem a diversidade de vozes e perspectivas que compõem uma cidade. Macedo (2016) relata que:

No universo da arte urbana encontramos tanto as marcas da enunciação dos pixadores que elaboram suas

⁴ Considerando Stuart Hall (2003), podemos compreender como marca identitária a representação cultural/social construída, marcada por elementos como raça, etnia, gênero, grupo social, dentre outros, que funcionam como marcadores de diferenças e similaridades dentro de um contexto cultural-social específico, que é formada e transformada ao longo do tempo, refletindo tanto as influências externas quanto as internas. Aqui, transpomos tal consideração para tag/assinatura/marca de Marcelo Gandini, na série "Alienado Mental".

assinaturas buscando a visibilidade das formas gráficas de sua marca na cidade quanto dos artistas com formação acadêmica que produzem suas obras conceituais e intervenções na rua. (Macêdo, 2016, p.63)

O grafite possui um poder singular de deixar uma impressão nas paisagens urbanas e nas pessoas que as habitam. Ele transcende o simples ato de colorir paredes, transformando-se em um reflexo visual das identidades individuais e coletivas. Apresentamos na figura 2, duas intervenções artísticas da série denominada "Alienado Mental", de 2014, de Marcelo Gandini. Tal série é caracterizada pela pintura do número 913 em espaços públicos diversos. Este número específico fazia parte do cotidiano profissional de ambos os autores, que, naquele período, desempenhavam suas respectivas funções como agentes de segurança pública. E tal número era o código utilizado para o preenchimento de ocorrências policiais que envolviam pessoas com transtorno mental. Assim, este código tornou-se, para um grupo específico, os agentes de segurança pública, a marca identitária do alienado mental.

Em muitas comunidades, o grafite atua como um espelho das vozes marginalizadas ou esquecidas. É uma forma de expressão para grupos étnicos, culturais, sociais e políticos que, muitas vezes, não têm acesso aos meios tradicionais de expressão. Por meio das imagens e das palavras que adornam as paredes, o grafite torna-se um grito de identidade, reivindicação e pertencimento. Cada mural, cada grafite, contam uma história. Eles representam as aspirações, lutas, histórias e riqueza cultural de um grupo. Tais expressões visuais não apenas embelezam os espaços urbanos, mas funcionam como arquivos vivos da identidade local como podemos observar na figura 3.



Figura 2. Série Alienado Mental: à esquerda Parede externa do Galpão – Centro de Artes/UFES, Campus Goiabeiras e à direita parede de sustentação do Viaduto na Avenida Hugo Viola, Jardim da Penha, Vitória-ES. Marcelo Gandini, 2014. (Fonte: Acervo do autor). Na imagem à esquerda o registro fotográfico da intervenção artística da série alienado mental, a pintura do número 913 na cor vermelha realizada na parede externa de uma construção de alvenaria na cor cinza localizada no Centro de Artes da UFES. Na imagem a direita, ainda é o registro fotográfico da intervenção artística da série alienado mental, sendo a pintura do número 913, desta vez na cor branca, realizada na parede de sustentação do viaduto na avenida Hugo Viola em Vitória.



Figura 3. Imagens de Intervenções artísticas na cidade de Vitória- ES coletadas entre 2010 e 2018. À esquerda muro da escola Aristóbulo Barbosa Leão e à direita parede da pista de skate na Praça dos Namorados, Vitória-ES. A imagem apresenta fotografias do espaço urbano de Vitória que contêm intervenções/grafite. Na imagem a esquerda podemos observar em primeiro plano alguns arbustos e ao fundo o muro com pinturas coloridas de avião, mãos, letras diversas. Na imagem a direita, na parede da pista de skate, podemos observar figuras humanas com variados formatos. (Fonte: Acervo da autora).

Além disso, o grafite pode ser uma forma de resistência e contestação. Ele desafia a narrativa dominante, questiona as normas sociais e políticas e, muitas vezes, serve como uma plataforma para destacar questões sociais urgentes, como desigualdade, injustiça ou opressão. Essa marca identitária do grafite é especialmente poderosa porque é inclusiva. Ele

une pessoas sob uma linguagem visual comum, criando um senso de comunidade e pertencimento. É uma expressão compartilhada que transcende barreiras culturais e linguísticas, permitindo que diferentes indivíduos encontrem um ponto de conexão através da arte.

Redesenhar a paisagem

A natureza efêmera do grafite é parte intrínseca de sua essência. Ao contrário de outras formas de arte mais permanentes, como pinturas em tela ou esculturas, o grafite vive no espaço público por um período limitado. Essa efemeridade é uma característica fundamental e fascinante dessa expressão artística sujeita a diversos fatores que contribuem para sua efemeridade como: condições climáticas, intervenções humanas, políticas públicas e a própria natureza dos espaços urbanos. O fato de ser criado em espaços públicos, muitas vezes sem autorização formal, também contribui para sua natureza temporária.

Essa efemeridade confere ao grafite uma energia especial. A cada nova obra, há uma sensação de novidade, de algo fresco e dinâmico que surge na paisagem urbana. Ao mesmo tempo, essa fugacidade instiga um sentimento de urgência em apreciar e capturar a essência daquela obra antes que ela desapareça, criando uma experiência única para quem a observa. Além disso, a própria efemeridade do grafite contribui para sua valorização como forma de expressão artística. O conhecimento de que aquela obra pode não durar para sempre estimula um senso de apreciação e valorização, tanto por parte dos espectadores quanto dos próprios artistas.

Visando demonstrar essa efemeridade, Jovani Dala Bernardina visitou os locais das intervenções artísticas citadas anteriormente e fez novos registros fotográficos como podemos visualizar nas figuras 4 e 5.



Figura 4. Vista atual (2023) dos locais onde foram executadas algumas das intervenções da Série "Alienado Mental", de Marcelo Gandini, 2014: à esquerda Parede externa do Galpão – Centro de Artes/UFES, Campus Goiabeiras e à direita parede de sustentação do Viaduto na Avenida Hugo Viola, Jardim da Penha, Vitória-ES. (Fonte: Acervo da autora). Na imagem à esquerda o registro fotográfico realizado em 2023, do mesmo local onde foi feita a intervenção artística da série alienado mental, apresentada aqui na figura 2, um galpão de alvenaria construído por blocos de cimento cinza, onde estava a pintura do número 913 na cor vermelha, que atualmente está com tal pintura praticamente apagada ou sobreposta com outras intervenções/grafite. Na imagem a direita, o registro fotográfico realizado em 2023 da parede de sustentação do viaduto na avenida Hugo Viola em Vitória onde foi realizado uma das intervenções da série Alienado Mental em 2014, apresentada aqui na figura 2, a qual foi totalmente coberta por outras intervenções/grafite.



Figura 5. Vista atual (2023) dos locais em que foi executado algumas das intervenções artísticas na cidade de Vitória- ES. À esquerda muro da escola Aristóbulo Barbosa Leão e à direita parede da pista de skate na Praça dos Namorados, Vitória-ES. (Fonte: Acervo da autora). Na imagem a esquerda podemos observar a pintura mural de uma cena marinha com um navio de carga em tons de terra e amarelo, peixes e gaivotas. Na imagem a direita observamos a pintura de uma representação da face de um humano aparentemente zangado e diversas inscrições coloridas de letras e pequenas palavras supostamente ilegíveis, as quais representam marcas identitárias de grupos/indivíduos que realizam intervenções/grafite.

Essa efemeridade do grafite, ao mesmo tempo encantadora e desafiadora, continua a despertar reflexões sobre a relação entre arte, espaço público e o tempo. É um lembrete constante da impermanência das coisas e da importância de apreciar a beleza e a mensagem por trás dessas obras fugazes, enquanto elas existem no cenário urbano. Por outro lado, a transitoriedade do grafite também levanta questões sobre a preservação da arte urbana. Como equilibrar a necessidade de conservar essa expressão cultural vibrante com os desafios de manter a integridade dos espaços públicos e respeitar as políticas urbanas?

Considerações finais

A interseção entre paisagem, espaço público e grafite como marca identitária forma um mosaico vibrante que reflete a complexidade das experiências humanas na esfera urbana. A paisagem, inicialmente definida por elementos geográficos, ganha vida através da interação com os sujeitos que a habitam, transformando-se em espaços públicos que funcionam como tela para expressões culturais, especialmente o grafite.

Esses espaços públicos, muitas vezes palcos de interações sociais, tornam-se o meio pelo qual o grafite emerge como uma poderosa marca identitária. Essa forma de arte, muitas vezes marginalizada, transcende a mera estética para se tornar um reflexo das vozes e identidades dentro de uma comunidade. É uma narrativa visual que pulsa nos muros, destacando histórias individuais e coletivas, aspirações, lutas e celebrações.

Apesar dos desafios, o grafite persiste como uma marca identitária que transcende fronteiras físicas e sociais. Ele unifica, desafia, comunica e ressoa nas ruas, incorporando a diversidade de vozes e experiências que moldam uma comunidade. É um testemunho vivo da interseção entre espaço público, paisagem urbana e a força da expressão cultural como

um espelho autêntico das identidades coletivas e individuais. Assim, sua presença e significado ecoam como uma narrativa vibrante e essencial na tapeçaria complexa que é a vida urbana contemporânea.

No entanto, essa identidade visual também enfrenta desafios. A percepção do grafite como vandalismo ou falta de reconhecimento institucional muitas vezes coloca em risco essa marca identitária, levando a lutas por reconhecimento e preservação dessas expressões artísticas.

Em resumo, o grafite não é apenas tinta em uma parede, mas uma forma de arte pulsante, capaz de transmitir emoções, provocar reflexões e conectar pessoas em um nível profundo. É uma expressão da criatividade humana que transcende os limites físicos e culturais, deixando uma marca duradoura na paisagem urbana e na consciência coletiva.

Referências

BERTRAND, J.; BERTRAND, C. **Uma Geografia Transversal e de Travessias**: o meio ambiente através dos territórios e das temporalidades. Tradução: PASSOS, M.M.S. Maringá: Ed. Massoni, 2009.

DANTO, Arthur C. **Após o Fim da Arte**: A Arte Contemporânea e os Limites da História / Arthur C. Danto: trad. Saulo Krieger. São Paulo: Odysseus Editora, 2006.

FARRELLY, Lorraine. **Fundamentos de arquitetura**. Tradução Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Bookman, 2010.

FERREIRA, Manuela Lowenthal; KOPANAKIS, Annie Rangel. A cidade e a arte: um espaço de manifestação. **Tempo da Ciência**, v. 22, n. 44, Toledo-PR, 2º semestre de 2015.

HALL, Stuart. Pensando a Diáspora (Reflexões Sobre a Terra no Exterior). In: SOVIK, Liv (org.). **Da Diáspora**: Identidades e Mediações Culturais. Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**; tradução

Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lope Louro - 11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MACÊDO, Érika Sabino de. **Pelos muros da cidade**: uma leitura de imagem do graffiti de Vitória. Vitória, Érika Sabino de Macêdo, 2016.

PEDROSA, Mário. **Forma e Percepção Estética**: Textos Escolhidos II / Mário Pedrosa; Otilia Arantes (org.). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

PROSSER, Elisabeth Seraphim. Intervenção Urbana: vandalismo ou arte?. In: **I Colóquio nacional do núcleo de estudos em espaço e representações**, 2007, Curitiba. Anais...Curitiba: Universidade Federal do Paraná, Depto de Geografia, 2007.

ZERWES, Erika. A Fotografia eloquente: arte e política em Rodchenko. **Revista História Social**. n. 13. São Paulo. Campinas: 2007. p. 139-149. Disponível em:<<http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/viewFile/214/206>>. Acesso em 25 de novembro de 2023.

TUAN, Yi-Fu. - **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente; Tradução: Livia de Oliveira, Londrina, Eduel, 2012.

Recebido em: 30 de abril de 2024.

Publicado em: 28 de junho de 2024.